

ALADI/CR/Ata 612
(Extraordinária)
29 de julho de 1996
Hora: 12h 15m às 13h 20m

ORDEM DO DIA

O Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo Senhor Subsecretário das Relações Exteriores da República do Chile, Doutor Mariano Fernández Amunátegui.

Preside:

JUAN MORENO GOMEZ

Assistem: Jesús Sabra, Gustavo Adolfo Moreno e Flaviano Gabriel Forte (Argentina), Antonio Céspedes Toro e José Guillermo Loría González (Bolívia), Hildebrando Tadeu Nascimento Valadares e Mitzi Gurgel Valente da Costa (Brasil), Augusto Bermúdez Arancibia e Leopoldo Durán Valdés (Chile), Jaime Pinzón López e Henry Javier Arcos (Colômbia), Eduardo Cabezas Molina e Humberto Jiménez Torres (Equador), Rogelio Granguillhome, Dora Rodríguez Romero, José Luis Solís e Magno Heriberto Rodríguez (México), Efraín Darío Centurión e Alfredo Núñez (Paraguai), Guillermo del Solar Rojas e Agustín de Madalengoitía Gutiérrez (Peru), Adolfo Castells Mendívil e Carlos A. Zaballos (Uruguai), Juan Moreno Gómez e Gerson Ravanales (Venezuela), Manuel Aguilera de la Paz (Cuba), Luis A. Macchiavello (OEA).

Secretário-Geral: Antonio José de Cerqueira Antunes.

Secretários-Gerais Adjuntos: Juan Francisco Rojas e Isaac Maidana Quisbert.

PRESIDENTE. Damos início à 612a. sessão, extraordinária, do Comitê de Representantes para receber a honrosa visita do Excelentíssimo Senhor Subsecretário do Ministério das Relações Exteriores da República do Chile, Doutor Mariano Fernández Amunátegui.

Excelentíssimo Senhor Subsecretário e membros da comitiva oficial, Senhores Representantes, Senhor Secretário-Geral, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, Senhores Observadores, senhoras e senhores, em nome do Comitê de Representantes apraz-me dar a Vossa Excelência, Senhor Subsecretário, as mais afetuosas e cordiais boas-vindas à sede da Associação Latino-Americana de Integração.

A presença de Vossa Excelência nesta Casa não apenas a prestigia, por ser infatigável e apaixonado promotor da integração, mas porque renova nossas esperanças e, certamente, compromete nossa dedicação e nosso trabalho em prol do processo de integração regional.

Vossa Excelência escolheu com seriedade e denodadamente a vocação diplomática e política a serviço de seu país, muito bem expressa no seu extenso currículo, bem como a vocação de ajudar a construir eficazmente a integração regional, onde se reflete não apenas o alto nível profissional que distingue e caracteriza o Excelentíssimo Senhor Subsecretário, mas também o novo estilo diplomático que atua de maneira direta e executiva, em concordância com a permanente vocação latino-americana de seu país e que tem o processo de integração econômica regional como um dos objetivos principais da Chancelaria chilena.

Seu país, de sólida trajetória latino-americana, acresce agora novas modalidades de negociação e de instrumentos empregados em suas relações com os países-membros da ALADI, que mostram este país como um símbolo de modernidade e de pragmatismo que todos valoramos em sua real dimensão, pois não objetiva somente a ampliação dos mercados através da liberação comercial de bens, mas mantém amplo sentido de complementação econômica e de integração.

Nesse contexto, na área do desenvolvimento, devemos mencionar os investimentos e os projetos de infraestrutura física, gerando um efeito multiplicador em diversos setores econômicos de nossos países, bem como o papel do setor privado chileno, que tem demonstrado claramente sua renovada visão integracionista.

As novas modalidades de relacionamento do Chile com a região têm gerado acordos de muita importância no campo da integração, alicerçados em vínculos bilaterais e sub-regionais como, por exemplo, os acordos assinados com o México, com a Venezuela e a recente vinculação com o MERCOSUL, que facilitam e promovem o processo de vinculação e de convergência no âmbito da Associação.

Menciono, Senhor Subsecretário, somente estes exemplos de negociação e instrumentos utilizados por seu país, embora estejamos cientes da existência de muitos mais, que constituem verdadeiramente marcos na nova dimensão do processo de integração regional.

O acionar do Chile e dos demais países-membros nos permite contar hoje com setenta e cinco acordos de comércio assinados ao amparo do Tratado de Montevideu 1980, constituindo um entrelaçamento de acordos que enriquecem o relacionamento de nossas nações e projetam um horizonte de esperanças. Neste sentido existe a esperança certa de que na primeira década do ano 2000 contaremos com um espaço de livre comércio na região. Este espectro de acordos sub-regionais, bilaterais e plurilaterais, depara para a Associação um importante desafio.

Como bem sabe Vossa Excelência, Senhor Subsecretário, a ALADI tem recebido mandatos claros e precisos visando estabelecer os mecanismos que facilitem e promovam a articulação e a convergência entre os diversos acordos bilaterais e sub-regionais no quadro da Associação de forma que permita consolidar e fortalecer a nova dimensão do processo de integração.

Por outro lado, cabe salientar que este rico patrimônio de acordos e a reconhecida experiência de nossa ALADI representam uma contribuição muito positiva para formar a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), contexto no qual a ALADI vem realizando contribuições substantivas através dos países-membros e da Secretaria-Geral.

Finalmente, Senhor Subsecretário, permita-me expressar a Vossa Excelência meu afeto e minha admiração pelo desenvolvimento e pela calidez de seu país, de que compartilhei quando me desempenhei como Embaixador no Chile, do qual conservo tão gratas lembranças no meu coração. Recorri sua estreita, aparente, porém dilatada, geografia desde a primeira até a décima região e em cada uma delas encontrei um afeto incrível; foi para mim uma experiência extraordinária ter estado no Chile; enriqueceu todo meu acervo de afetos e hoje me permito, Senhor Subsecretário, pedir a Vossa Excelência que transmita a esse valoroso e extraordinário povo meu pessoal afeto e carinho.

Em nome do Comitê de Representantes e no meu próprio, Excelentíssimo Senhor Subsecretário, apraz-me reiterar a Vossa Excelência as mais cordiais boas-vindas, junto com nossos agradecimentos por estar entre nós. Muito obrigado.

Ofereço a palavra ao Senhor Secretário-Geral.

SECRETARIO-GERAL. Senhor Subsecretário Mariano Fernández, Senhor Presidente do Comitê, Senhores Representantes, Senhores Membros das Representações, Senhores Observadores, Países e Instituições, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, senhoras e

senhores. Senhor Subsecretário, Vossa Excelência visita esta Casa da Integração em momentos de relativo otimismo. Acredito que estão soprando agora os bons ventos da articulação e da convergência dos esquemas de integração, múltiplos, nos quais estão envolvidos os países sócios desta Casa.

Temos quatro fatos que nos levam a pensar, sem exagerar, que estamos vivendo uma nova descoberta da América, esta vez pelos próprios latino-americanos. Em primeiro lugar, o que é mais sensível e mais mensurável: um crescimento espetacular do comércio, com uma qualidade que nos mostra que o comércio entre os onze países está servindo de degrau para uma inserção competitiva no mundo porque é um comércio no qual os onze sócios podem dedicar e adquirir experiência na comercialização de manufaturas, enquanto que para os demais países continuamos, de forma preponderante, exportando produtos primários. Realmente estamos criando um novo espaço econômico.

O segundo fato -não temos estatísticas, mas é evidente, e no qual o Chile é protagonista- é a mudança radical das estratégias das empresas genuinamente nacionais que agora passaram a uma expansão transfronteiriça de comércio e de investimento.

O Senhor Presidente do Comitê mencionou o terceiro elemento: o entrelaçamento de acordos que está configurando-se entre os países da ALADI e que dá a esperança, de que falou o Presidente, de um livre comércio que talvez, se os países tomarem consciência, pode-se antecipar.

Finalmente, Senhor Subsecretário, um tema com certeza muito grato para Vossa Excelência, dada sua formação humanista e de mente preocupada pela democracia, pelas liberdades, que é o tema da integração cidadã a que estamos assistindo. Cada vez mais os cidadãos de nossos países têm contato direto com os cidadãos de outros países através dos segmentos de interesses de que fazem parte, formando associações, seminários, turismo, e através dos meios de comunicação, da arte, etc. É uma integração cidadã que constitui um segmento poucas vezes mencionado, mas, sem dúvida, é o mais importante.

Acredito que aqui como na Europa a integração estará baseada na liberdade e na democracia. E essa liberdade e essa democracia fundamentam-se neste estreitamento de relações entre os próprios cidadãos dos diferentes países.

Senhor Subsecretário, diante de todos esses temas esta Casa recobra seus desafios e suas responsabilidades. Acabo de ter conversações com o Ministro Insulza, com o negociador Bladich e sinto também, nos contatos que tive com o Grupo do Rio e com os empresários de Santa Cruz de la Sierra, que cada vez mais se espera que esta Casa cumpra seu papel de foro de negociação. Cada vez mais se torna

necessário que a articulação e a convergência se fundamentem no estabelecimento de um conjunto mínimo comum de normas, de normas que permitam realmente articular todos esses acordos que estão estabelecendo-se com tantas dificuldades, muitas vezes para os operadores. De forma que a visita de Vossa Excelência representa para nós um apoio para um trabalho entusiasta que temos.

E não poderia deixar, Senhor Subsecretário, com a vênua de todos os presentes, de mencionar algo muito pessoal e muito particular: quero dizer a Vossa Excelência que eu aprendi América Latina no Chile, quando estive servindo como funcionário das Nações Unidas. Foi através dos olhos do Chile, através das janelas e portas do Chile que eu, brasileiro, de um Brasil que naquele momento estava tão isolado, tão de costas para os latino-americanos, aprendi América Latina aí, no Chile. Portanto, para mim tem um especial significado receber aqui, no que me compete, um emissário tão importante, de tanta dimensão humana e política como Vossa Excelência. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Muito obrigado, Senhor Secretário-Geral.

Ofereço a palavra ao Doutor Mariano Fernández Amunátegui.

SUBSECRETARIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA REPUBLICA DO CHILE (Mariano Fernández Amunátegui). Muito obrigado. Senhor Presidente. Senhores Representantes Permanentes, Senhor Secretário-Geral, senhoras e senhores, escutando o Senhor Presidente, Embaixador da Venezuela, e o Senhor Secretário-Geral apresentar e refletir sobre a atualidade da América Latina, não há nenhuma dúvida de que se sente a tentação, também, de mencionar algumas coisas que às vezes em um discurso preparado não estão devidamente desenvolvidas, pensando sempre que o tempo é breve e que cada dia se deve ser mais concreto. Contudo, não posso deixar de dizer duas coisas: acredito pertencer -temos dito muitas vezes- a uma geração que diz: "somos filhos da cooperação internacional e somos filhos, também, da integração". Sendo muito jovem coube-me participar, naturalmente de forma muito circunstancial, da criação do Pacto Andino, que foi um grande impulso dado à integração latino-americana nos anos sessenta. Os anos posteriores nos levaram pela cooperação internacional; parte muito essencial do grupo de dirigentes políticos e de Governo que tem o Chile foi formada nos mecanismos de cooperação internacional latino-americana e também no sistema bilateral. E são duas imagens muito importantes quando conversamos sobre a América Latina, quando refletimos sobre ela ou quando expressamos idéias a esse respeito.

São experiências inesquecíveis, são experiências sumamente significativas porque estão misturadas com valores muito profundos: com a idéia da solidariedade, com a idéia da dignidade do homem, dos direitos humanos, da liberdade. E quando se participa de forma muito sistemática deste tipo de atividades ao longo da vida, chegar à ALADI

hoje -primeira vez que estou aqui- parece-me fundamental manifestar que na,~o é fácil esquecer estes princípios integradores.

Desejaria acrescentar uma questão geral que me parece da maior importância, e é a sensação que se sente, que se expressa em cifras, mas também é uma situação psicológica; e é o fim da anomalia econômica latino-americana. E digo-o desta maneira, que poderá discutir-se do ponto de vista de algumas cifras, mas creio que psicologicamente é indiscutível. Acredito que somos o Continente particularmente em relação com o mundo desenvolvido e também de forma muito importante em relação com a Àsia, que durante um período mais prolongado fundou suas relações basicamente na geopolítica.

Historicamente nosso intercâmbio comercial tem sido baixo. E quando falamos de investimento estrangeiro se entendia que falávamos dos Estados Unidos, da Inglaterra, do Canadá, da Espanha, da Alemanha...mas jamais ninguém pensou que quando falávamos de investimento estrangeiro um colombiano estava pensando na Venezuela ou um chileno estava pensando na Argentina. Na,~o existia. Por conseguinte, as relações em nossos países se construíam sobre a profunda raiz cultural comum, mas principalmente sobre um eixo geopolítico de temas de fronteiras, equilíbrios regionais e uma participação do mundo econômico comercial mais ou menos marginal. Mesmo atualmente, o comércio do Chile com o MERCOSUL -pelo menos o comércio exportador- chega mais ou menos a 12 por cento; houve um período em que foi inferior até. E quando digo Chile é possível examinar outros países em que as cifras se assemelham nos anos 50 ou 60. Cinqüenta por cento do comércio com a atual União Européia. Os Estados Unidos eram a grande contraparte. E depois alguns países da América Latina.

Hoje se começou a produzir um fenômeno interessante, que na Europa já tem uma antigüidade, uma estabilidade e uma estrutura. Sempre menciono o caso da Holanda, que realiza pouco mais de 80 por cento de seu comércio trezentos quilômetros a seu redor. Mesmo a Alemanha, grande protagonista do comércio exterior no mundo, tem o eixo central de comércio dentro da União Européia; mais de 70 por cento do comércio exterior alemão se realiza com a União Européia.

Aqui estamos criando o segundo elemento de acompanhamento da atividade comercial, que é o processo de investimentos. E nesse sentido nosso país está desempenhando um papel que, não apenas por estar fazendo investimentos na vizinhança, pareceu-nos extraordinariamente interessante, mas porque este processo de investimento também está alavancando psicologicamente o país de uma forma diferente. O apreço, o interesse, a vinculação, adquirem raízes que antes na,~o tiveram. Mais ainda, estamos começando a receber também os investimentos estrangeiros dos vizinhos, que nos interessam para que a interdependência e o crescimento no Continente sejam saudáveis, sejam

completos, abranjam todos os setores, abranjam a cultura, a política, a comunicação entre as pessoas, o comércio, os investimentos, o turismo...

Acredito que estamos entrando, e compartilho plenamente das palavras do Secretário-Geral, em uma fase extraordinariamente importante em nosso Continente. Pode ser que ela esteja sujeita às vicissitudes clássicas do que acontece com o mundo. Os europeus, atualmente, não estão muito contentes com sua situação continental. Entretanto, ninguém pode desconhecer que depois de quarenta anos a Europa é o maior e mais interessante experimento de integração democrática do mundo. Nunca houve na história contemporânea inimigos seculares que se tenham destruído até a própria raiz de seu patrimônio, e que encabecem hoje uma associação baseada nos Direitos do Homem, na democracia e nas liberdades principais, com êxito e com um sentido enorme da solidariedade e da participação em atividades internacionais.

Portanto, apesar das limitações e das dificuldades que sempre se apresentam, parece-me que a América Latina tomou um caminho - e não gosto de usar a palavra irreversível porque às vezes as coisas mais curiosas podem ser reversíveis- não sei se irreversível, mas, em todo caso, é um caminho no qual a aproximação e a vinculação vão adquirindo uma contextura diferente, que não é só formal ou obrigatória; há uma contextura real, estamos desenvolvendo também os interesses junto com os valores. E me parece que isso, para o Continente, para os cidadãos e para os habitantes do Continente, é um sinal da expectativa a respeito deste futuro extraordinariamente importante.

Neste contexto, como os senhores sabem, temos finalizado negociações com os países do MERCOSUL e creio que todas as partes ficaram plenamente satisfeitas. Foi muito interessante acompanhar durante estes dois anos o processo negociador, com todos seus altibaixos, com as situações extremas de anúncios de ruptura da negociação, de fim da negociação, de que nunca nos integraremos ao MERCOSUL; um dia porque eles não querem, outro dia porque nós não queremos. E terminamos desta forma tão notável, tão exemplar; além disso, com uma cerimônia muito bela em uma província da Argentina, que também está refletindo a vontade política de que a integração no Continente seja a integração de todos os pequenos povoados, das grandes cidades, da zona urbana, da zona rural.

Este acordo, que basicamente estabelece uma zona de livre comércio com um prazo máximo de dez anos e com os devidos matizes que seria impossível reproduzir em uma reunião como esta, contém ainda normas de disciplinas comerciais em matéria de origem, restrições não-tarifárias, salvaguarda, disposições sobre as práticas desleais do comércio, a valorização aduaneira, o incentivo às exportações, as zonas francas e as normas técnicas sanitárias e fitossanitárias.

Nesse sentido acredito que se deve dizer que este compromisso assumido pelo Chile com o MERCOSUL vai além do comércio propriamente dito e abrange também disposições sobre a facilitação do transporte, a cooperação para a investigação científica e tecnológica, a decisão das partes para iniciar os trabalhos de liberação do comércio de serviços e, adicionalmente, contém cláusulas em matéria de integração física, que permitirão desenvolver as interconexões viárias bioceânicas.

As cláusulas de integração física são, segundo nosso critério, um dos fatos significativos do acordo, pelos elementos simbólicos que ela envolvia.

Olhando para o mapa da América do Sul, costuma-se dizer que este é um continente vazio. Porém, com o decurso do tempo e com as batalhas cotidianas, devemos nos esquecer deste aspecto.

O Chile e a Argentina, por exemplo, que têm aproximadamente quinhentos quilômetros de fronteira mais ou menos linear e algo assim como sete mil quilômetros de fronteira exata, têm entre si, para unirem-se, somente um passo internacional pavimentado, asfaltado. Agora ha um segundo passo no sul, mas de recente criação. No entanto, temos convivido desde os anos 20, por assim dizer, durante cinqüenta ou setenta anos, sem nenhum inconveniente pelo fato de ter somente um passo asfaltado, apesar de que agora são quatorze milhões de habitantes por um lado, trinta e pouco pelo outro, e que temos uma das fronteiras mais extensas que existem no mundo.

No caso da Bolívia, país irmão, próximo a nós, coração da América, não havia nenhum passo asfaltado internacional. Agora inauguramos, o Presidente da Bolívia inaugurou, o primeiro com o Chile. Desta forma, um cidadão chileno ou um cidadão boliviano, que antes necessitava entre doze e quatorze horas para descer de La Paz até Arica, a cidade mais próxima, ou subir de Arica até La Paz, hoje necessita somente seis horas.

Então, quando se assina o protocolo de infra-estrutura física não estamos fazendo um exercício de burócratas que se ocupam de negociações; estamos comprometendo os países em um esforço importante para dar lugar a um Continente integrado, a um Continente integrado que não apenas permite o transporte de mercadorias do Pacífico para o Atlântico ou viceversa, mas permite que seja conhecido por seus habitantes, que seu povo tome posse do território, que o conheça como turista ou se cultive, que conheça seu passado, seu presente, que se manifeste, participe, faça investimentos, faça da região o que todos queremos que ela seja: uma pátria para todos os latino-americanos. Uma pátria sem comunicação é como essas pátrias sem patrimônio. Então, não vemos nestes acordos simplesmente um exercício negociador; vemos que

na realidade temos dado um passo adiante, extraordinariamente importante. Continuaremos trabalhando. E na reunião que tivemos hoje com o Governo do Uruguai, com a Nação uruguaia, enfatizamos em continuar avançando neste sentido.

Considero que isto vale para todos, estejamos ou não na conexão bioceânica do acordo com o MERCOSUL. Acredito que o fato de que seja um Continente unido, que permite o movimento do povo sem dificuldades, tem relevância continental. É um pré-requisito indiscutível para a integração. Parece-me que muitas vezes não se enfatizou. Parece-me extraordinariamente oportuno que hoje estejamos todos preocupados por avançar neste aspecto.

Para o Chile é muito importante a subscrição do convênio com o MERCOSUL porque significou concluir praticamente acordos de complementação econômica, seja pela via bilateral, seja pela via multilateral, com todos os membros da ALADI. Temos que melhorar o acordo com a Bolívia, como tema pendente, e concluir as negociações com o Peru. Reiniciamos as conversações e me parece que nos encontramos já em um caminho final porque estamos discutindo questões muito legítimas de ambas as partes. Estamos conversando sobre interesses muito específicos, sobre quem deve melhorar aqui, que se deve mudar ali, para poder chegar a acordo. Para nós, portanto, esta é uma mudança ou a culminação de um processo de contribuição para a integração econômica da América Latina, do qual estamos sumamente satisfeitos porque está mostrando-se o enorme dinamismo que isto representou. Se olharmos para as relações com o México, por exemplo, que é o primeiro convênio subscrito e onde praticamente o universo tarifário já está em zero, poderemos ver que o dinamismo é enorme. O Embaixador mexicano poderá testemunhar que isto tem sido um avanço substantivo nas relações. Dia primeiro de janeiro de 97 começará a vigorar a tarifa zero no acordo com a Venezuela e com a Colômbia; em 98 com o Equador. Se a isso acrescentarmos o contexto do MERCOSUL, estaremos dando um quadro extraordinariamente interessante neste Continente.

Parece-nos também que não devemos nos deter aqui. Acredito que nosso trabalho não é apenas que nosso país tenha êxito, mas que também o Continente tenha êxito. O esforço é para que o bairro -palavra que alguém usou alguma vez- seja um bairro apresentável, de um lado ao outro lado da rua. Não nos interessa -e creio que a ninguém pode interessar- um êxito parcial, porque a América Latina é um todo para qualquer um que viva do Continente. E neste mundo globalizado, o mal sinal de algum país da América Latina é um sinal fatal para o conjunto da América Latina. Portanto, inclusive pela razão mais egoísta nos interessa que todos tenhamos êxito. No ano passado vivemos a situação do efeito "tequila", falando do México. E a recuperação mexicana, que foi formidável, produziu, no entanto, em determinado momento, uma situação continental muito complexa.

Por conseguinte, os avanços são importantes para todos. E nesse sentido também temos trabalhado como país, recentemente com a América Central, porque é uma região com a qual todos temos vínculos sumamente fortes, mas é mister uma contribuição mais significativa. O Presidente do Chile se reuniu ultimamente com os Presidentes centro-americanos e decidimos criar uma comissão especial, incumbida de elaborar em um prazo relativamente breve um relatório para ver que bases existem para um acordo de complementação econômica que se poderia subscrever também ao amparo do Artigo 25 do Tratado de Montevideu. O comércio e a cooperação com a América Central são fundamentais, e nesse sentido temos trabalhado de forma bastante séria.

Essas iniciativas comprovam a importância que nosso Governo dá à região latino-americana. Estamos convencidos de que os acordos de complementação econômica nos levarão, e nos estão levando, a uma expansão do comércio, a gerar mais empregos, a distribuir melhor os recursos. Estes acordos constituem também um estímulo aos investimentos, tanto nacionais como estrangeiros. Penso que tudo isso produzirá uma maior credibilidade nos circuitos financeiros internacionais. Além disso, pode-se notar que estes acordos estão estimulando a cooperação política e a integração cultural.

Os esforços que fizemos e aqueles que faremos no futuro deverão também confirmar o fortalecimento democrático na região. Por isso o acordo do Chile com o MERCOSUL contém uma -digo-o entre aspas- "Cláusula Democrática", que determina que "Qualquer alteração da ordem democrática constitui um obstáculo inaceitável para a continuidade do processo de integração em curso a respeito do estado-membro afetado". Isto nos pareceu um capítulo essencial do acordo; entre outras razões, porque fizemos a experiência com um resultado ótimo, que está contribuindo extraordinariamente para o fortalecimento da democracia em nosso país.

Em 1990, restaurada a democracia no Chile, tive a honra de ser Embaixador perante a União Européia e de negociar o primeiro acordo de cooperação com a União Européia. Por pedido nosso, esse acordo foi subscrito com uma cláusula democrática; ou seja, permanece em vigor enquanto não forem interrompidos os regimes democráticos de qualquer uma das partes. Obviamente não era a Comunidade Européia a parte de quem se suspeitava que pudesse interromper seu processo democrático.

Isto nos serviu, foi um ponto de referência e o aplicamos no MERCOSUL. Aderimos ao acordo que o próprio MERCOSUL celebrou para si mesmo e aderimos prazerosamente. E aderiu a Bolívia também. Pareceu-nos extraordinariamente importante a Declaração Presidencial de San Luis. Igualmente o pactuamos no novo acordo que o Chile subscreveu agora -e também no mês de maio- com a União Européia. Também é novamente parte essencial no acordo quadro com a União Européia e com os estados da União Européia.

Igualmente, e além do tema da democracia, que nos parece fundamental que fique tutelada, devidamente tutelada nos acordos, temos -e todos a temos- uma missão para com o norte do Continente: a integração hemisférica, compromisso inicial que assumimos todos durante a Reunião de Cúpula de Miami. Neste sentido o Chile está comprometido e está tratando de trabalhar nestes dois sentidos.

A respeito da América do Norte posso informar-lhes que estamos concluindo -esperamos, porque se fala de que estamos perante a última rodada negociadora- de forma individual um acordo com o Canadá; com isso teríamos dois acordos com os países do NAFTA: o que temos com o México e este com o Canadá, que vem sendo negociado de forma muito similar à estrutura geral do NAFTA.

Estamos esperando, portanto, depois de concluir o acordo com o Canadá, a evolução política dos Estados Unidos para reiniciar as ações destinadas à eventual participação de nosso país neste NAFTA ou ALCA, que também consideramos uma questão geral de integração hemisférica, como foi previsto e feito nas reuniões setoriais estabelecidas em Miami-Denver para estes efeitos, que nos deveriam levar a estabelecer um livre comércio hemisférico com base democrática e com desenvolvimento da liberdade econômica e da solidariedade entre os países. Nesse sentido estamos plenamente conscientes de que estes compromissos hemisféricos, em alguma medida, coincidem com os avanços nos trabalhos que vem realizando a ALADI depois da Resolução 38 (VIII) do Conselho de Ministros, que determinou em sua parte medular, como os senhores sabem muito bem, estabelecer um programa de ações a curto e meio prazos para impulsar uma gradual e progressiva articulação e convergência entre os diferentes esquemas de integração.

Para a função da ALADI existe, neste sentido, um vasto campo para cooperar com os esforços hemisféricos, mormente através do cumprimento da Resolução 206 do Comitê de Representantes, que delineou a área de competência da Organização para colaborar tecnicamente com as ações que com esta finalidade estão empreendendo os países da área.

A este respeito acompanhamos de perto os esforços encaminhados a fortalecer e racionalizar o funcionamento da Secretaria da ALADI, que será de utilidade para esses efeitos e, ao mesmo tempo, dará início prático às decisões adotadas pelo Grupo do Rio, destinadas a ordenar a institucionalidade dos órgãos da região. A este respeito, faço um breve parêntese, nosso país está extraordinariamente interessado. Acredito que é unânime nosso interesse. Na cooperação bilateral está evidenciado e, portanto, esperamos manifestar de forma multilateral e concertada, em um tempo prudente, que temos avançado nesta matéria.

Existe um problema geral de organizações internacionais. No sistema das Nações Unidas, por exemplo, está sendo discutido em todo

o mundo e a Comunidade Internacional necessita pôr em dia seus organismos porque estamos deparando com um desenvolvimento e com uma vivacidade neste Continente que não coincide com a forma de funcionar de algumas organizações. Não me refiro à ALADI; refiro-me em geral a muitas organizações que inclusive desnaturalizaram seu propósito com o correr do tempo e hoje estão sendo auscultadas e olhadas com olhos sumamente severos pelos Governos, empenhados em políticas fiscais extremamente rigorosas. No nosso caso posso dizer-lhes que o Ministério da Fazenda, e somos solidários com o Ministério da Fazenda, está executando, faz cinco anos, um orçamento onde o superavit fiscal é uma questão de honor. Portanto, pôr em risco esse superavit por contribuições a organismos internacionais que neste momento não gozam de um prestígio adequado está começando a provocar também uma discussão em nossos países e não a podemos evadir.

Como lhes dizia, todos os aqui presentes pertencemos à cooperação internacional, à integração e, logicamente, somos internacionalistas, estamos exercendo cargos, cada um deles destinado a fortalecer a institucionalidade, mas fortalecê-la deve passar por um exame rigoroso de suas qualidades, de seus problemas, e devemos superá-los. E acredito que nosso país quer se comprometer, sabemos que os países latino-americanos estão comprometidos e creio que é uma questão francamente importante poder produzir algum resultado em tempo previsível.

Agora desejaria, para terminar, referir-me a duas questões: em primeiro lugar, os esforços de internacionalização da economia chilena durante os últimos anos os fizemos desenvolvendo sempre a idéia do regionalismo aberto, muito de moda hoje no mundo. Por conseguinte, através de acordos bilaterais, no caso da América Latina, e multilaterais, como foi o último, MERCOSUL, e também em coordenação ou através de acordos com outros grupos de países ou organismos de outras latitudes, fora do Continente.

Estes esforços coincidem plenamente com este princípio do regionalismo aberto. E assim vemos que a integração de nossa região permite também alianças estratégicas que projetem para novos estágios as relações políticas e econômicas com outros esquemas em vigor no mundo.

Há alguns minutos dizia que acabamos de subscrever um novo acordo quadro com a União Européia, cuja característica particular e cujo objetivo final estão indicados no título como questão formal: é uma associação de caráter político e econômico entre o Chile e a União Européia. Não sabemos quanto tempo nos assumirá este esforço, mas já o iniciamos. Em dezembro teremos a primeira reunião do Comitê Misto e, em fevereiro, a primeira reunião do Comitê Misto sobre assuntos vinculados com a liberalização e com as disciplinas comerciais. Há, por conseguinte, um dinamismo neste elemento.

Também estamos em uma organização bastante complexa por seu método de trabalho, muito importante, porém, por seu destino final. O Embaixador mexicano me olha com um sorriso irônico; sabe como é difícil a APEC, Associação de Cooperação da Ásia do Pacífico, de cooperação política e econômica, que tem uma particularidade extraordinariamente desafiante: que se opera com um sistema que é algo assim como o unilateralismo concertado. Ou seja, não se negocia nada nem ninguém, mas quem não faz o trabalho é como o burro da aula. Então, se eu prometo algo que devo cumprir e não cumpro -não nos aconteceu ainda- imagino que fico quase excluído de fato. Portanto, estamos em um processo no qual eu devo propor como país, como deve fazê-lo o México; por enquanto somos os únicos países latino-americanos membros, daqui até o ano 2020, alguns tipos de avançada para chegar a um livre comércio pleno em 2020. Como sempre acontece, temos alguns otimistas; alguns Ministros nossos já anunciaram que vamos cumprir o trabalho no ano 2010; veremos o que acontece, mas é um esquema sumamente dinâmico; através de grupos de trabalho são tratados diversos setores, como podem ser a pequena e média empresas, telecomunicações, etc., mas o objetivo fundamental é a criação do livre comércio. E não a criação do livre comércio na área, mas a criação do livre comércio para o conjunto dos membros da OMC. De maneira que qualquer compromisso que assumimos na APEC o fazemos em favor da Comunidade Internacional e não apenas pensando nos países-membros.

Francamente, o Chile participa da APEC, como do acordo com a União Européia, pensando muito na América Latina. Porque, finalmente, a criação de novas situações terá consequências para o Continente. É impossível imaginar nossa integração na APEC somente como integração isolada. Por isso estivemos advogando bastante claramente; porque se se amplia a APEC -aceitamos a moratória de novos países porque é um acordo dos grandes membros da APEC- exigimos que imediatamente se amplie para o Peru, que solicitou ser admitido, e é um país de nosso Continente. E não o fazemos apenas por solidariedade; parece-nos muito importante solidificar a presença sul-americana ou latino-americana na APEC. Portanto, ser o único país da América do Sul, que em determinado momento possa parecer como avanço em nossas gestões econômicas internacionais, tem, contudo, todas as limitações de ser um país na América do Sul. Tendo o Peru, que apresentou seu pedido de participação, não apenas manifestamos que a integração é solidariedade, mas também avançamos na presença sul-americana na organização, damos a ela mais profundidade, mais participação. Ao avançar aí avançamos no processo latino-americano porque naturalmente não termina na costa e menos na costa de um país tão estreito como o nosso. Sem dúvida é uma abertura geral continental. Portanto, fazemo-lo e acreditamos nesse sentido, além de tudo quanto temos conversado, que por estas razões o movimento de infraestrutura viária, ou seja, isto denominado corredores bioceânicos tem grande prioridade, pensando no processo de integração com o Pacífico.

Para finalizar, queria dizer algumas palavras sobre nosso processo econômico interno. Simplesmente quero dizer-lhes, vou sintetizar porque esgotei o tempo disponível, que francamente não nos podemos queixar. Acredito que estamos passando por um momento, do ponto de vista econômico-social, extraordinariamente positivo. As cifras macro-econômicas de 1995 são as melhores que tem o Chile desde que existem as estatísticas. Nunca houve um conjunto de cifras que se igualem todas a respeito das taxas brutas de investimento, da poupança, da inflação, do desemprego, do comércio exterior, da estrutura do orçamento, da poupança fiscal, etc.

Farei referência apenas a duas delas, que me parecem muito importantes. Uma é o crescimento da produtividade. Examinando o conjunto nos encontramos com que a base do crescimento realmente explica-se pelo crescimento da produtividade. E aí houve um esforço extraordinariamente importante, que tem o valor, além disso, de ser um esforço muito global porque a base, o crescimento da produtividade, não se produz por uma decisão de escritório. Há decisões que permitem acompanhar o crescimento da produtividade, mas são decisões que devem ter aplicação na base, por assim dizer, de modo que isto possa refletir-se em nível nacional de uma forma muito significativa.

A outra cifra que me parece extraordinariamente interessante é a que tem a ver com a economia exportadora como motor do crescimento. Estamos levando a cifra de exportações para quase 40 por cento do produto, com o qual todo o processo de inserção econômica internacional, a política que com esforço mantém a parte chilena, está refletindo que a política é correta, por assim dizer. A economia exportadora é o motor, sem lugar a dúvida, e também se produziu um fenômeno interessante, ou está consolidando-se um fenômeno interessante, que é o equilíbrio dos mercados. Costuma-se falar dos megamercados; então, o Chile está em um terço na Europa, um terço na Ásia, ou algo menos de um terço nos dois lados e depois quase 20 por cento na América Latina e quase 20 por cento na América do Norte. Portanto, o curso exige o regionalismo aberto e obriga a manter os esforços em todas as direções. Algumas vezes nos disseram, mormente os europeus: "que significa isto de ter quatro noivas", como se tivéssemos que adotar uma decisão em favor de um, excluindo os outros. Considero que aqui se confirmou ser uma dificuldade para nós, para o trabalho de nossas Chancelarias, do aparato externo. Mas, na,~o há dúvida de que tem enormes virtudes porque inclusive dentro dos anos, olhando os quadros, quedas de mercadorias estão substituídas por aumentos em outros. É possível ver nitidamente isto em cada produto e em cada setor, ou a expansão também, porque tem sido uma economia, mais bem, expansiva. A expansão do comércio do salmão tem diminuído aqui e tem aumentado em outras partes. Então se produz um sistema como de vasos comunicantes, que tem permitido um crescimento permanente do

setor muito dinâmico para o país e que o está ajudando a crescer de uma forma sumamente interessante.

Como nem tudo é ouro, continuamos tendo no Chile um problema bastante complexo de pobreza, bastante complexo, embora sempre exista um argumento que mitigue o problema porque temos, por um lado, um crescimento desproporcionado do produto em favor do quintil superior e, portanto, uma brecha maior entre os pobres e os mais ricos do que a que tínhamos. Também é verdade, porém, que o quintil inferior cresceu; o que acontece é que cresceu menos. Então, claro, existe um argumento fácil, que diz: "bem, são menos pobres, mas os outros são muito mais ricos". Então, aqui surge uma discussão. A verdade é que continuamos tendo acima de 20 por cento, e mais, de população em estado de pobreza, para seguir a linha das Nações Unidas, e temos, pelo menos, cinco por cento de indigência plena. Também há uma análise favorável em si; a partir do momento em que terminou o governo militar estávamos praticamente em cinqüenta por cento. Hoje estamos em algo mais de vinte. Portanto, os avanços em cinco anos foram extraordinariamente importantes. Seja qual for a análise, o Chile continua, como primeira prioridade do Governo, lutando contra a pobreza. E nos parece que este processo de integração em que estamos todos empenhados é um grande instrumento para combater a pobreza, na, ~o apenas no Chile mas em todos estes países.

Desejo terminar estas palavras com um agradecimento por sua disponibilidade para escutar-me e também com uma mensagem no sentido de nosso otimismo perante o desenvolvimento da América Latina. Acredito que atingimos uma situação psicológica também de que se ha dificuldades ou crises não desfalecemos diante das crises nem estamos usando um velho escapismo latino-americano de atribuir a alguém, que não somos nós, a responsabilidade de nosso problema. Vê-se claramente em momentos difíceis de países como se assumiu de modo diferente a dificuldade e como o trabalho comum tem hoje uma profundidade que na, ~o quero qualificar de desconhecida porque tivemos períodos importantes, uma grande profundidade de cooperação, mas como o Continente está passando as diversas fases de seu desenvolvimento, hoje com um grau muito importante de comunicação e de interação.

Nesta Casa, que tem sido sempre a Capital da Integração, desde a fundação da ALALC, quero dizer-lhes que vemos com otimismo o Continente, que nosso país quer dar sua contribuição ao mais alto nível possível, quer comprometer seu povo. Desejo dizer que estamos grandemente agradecidos também pela resposta que estamos recebendo dos demais países da América Latina nesta luta pela dignidade do homem, pelo fim da pobreza e pelo bem-estar, que nunca está de mais quando temos que viver oitenta ou noventa anos, como se vive hoje em qualquer parte do mundo. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Obrigado, Doutor Fernández Amunátegui.

É tradição da Associação Latino-Americana de Integração, e especialmente deste Comitê, entregar uma medalha comemorativa de nossa Associação a todos aqueles que nos visitam. Muito obrigado, Senhor Subsecretário.

Temos o prazer, então, de convidar todos para um vinho de honra em homenagem ao Doutor Mariano Fernández.

Encerra-se a sessão.
